Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1140 19.01.2025 (136)

A educação de um génio do mal

por Gerhard Lauck

Parte 6

Capítulo III
Actividades clandestinas

Se tivéssemos cinquenta homens como Gerhard Lauck, tomaríamos o poder!

"Camarada X"

Europa pós-guerra

No final da Segunda Guerra Mundial, a Europa estava essencialmente dividida entre o Ocidente, dominado pelos americanos, e o Leste, dominado pelos russos.

Os europeus não ficaram satisfeitos com esta "ocupação".

Muitos deles consideravam os americanos simplesmente o *menor de dois males*. Ao contrário da maioria dos americanos, nem sempre viam os EUA e a URSS como o "bom" e o "mau", travando um combate mortal sobre a questão da liberdade versus tirania.

Em vez disso, eram vistos como dois impérios envolvidos numa guerra territorial. Esta rivalidade podia, de facto, escalar para uma guerra em grande escala. Mas ambos os impérios pareciam preferir escaramuças sob a forma de pequenas "guerras de pincel" nas periferias.

Obviamente, a "gaiola dourada" do Ocidente era mais confortável do que o duro "gulag" do Oriente. No entanto, algumas pessoas manifestaram a preocupação de que, *a* longo prazo, *a decadência ocidental* pudesse revelar-se ainda *mais prejudicial* do que *a opressão oriental*.

Quando o Ocidente não apoiou a Revolução Húngara de 1956, até os anticomunistas mais convictos ficaram bastante desiludidos com o governo dos EUA em particular.

No Ocidente, foram criadas organizações privadas com o objetivo de apoiar os movimentos de resistência clandestinos nos países ocupados. Não recebiam qualquer ajuda ou apoio governamental.

Desempenhei um papel importante neste trabalho!

Alguns governos ocidentais *toleraram* estas organizações. Outros combateram-nas ativamente! Alguns adoptaram uma posição algures entre os dois extremos. Chamar-lhes-emos "países seguros", "países hostis" e "países neutros".

Naturalmente, estas organizações privadas esforçavam-se por encorajar *a tolerância* em vez da *perseguição*! Isto significava *legalidade estrita sempre* e onde fosse possível. Mesmo onde a dissidência era *proibida*, a resistência tinha de ser *estritamente não violenta!*

O apoio prestado por estas organizações privadas assumiu diferentes formas. A minha operação especializou-se no fornecimento de literatura dissidente.

Este trabalho envolveu países e sistemas jurídicos que - pelo menos segundo os padrões americanos - não respeitam a liberdade de expressão. Onde, por exemplo, um comentário casual a um amigo, ouvido pelo estranho que está ao nosso lado no metro ou sentado ao nosso lado num restaurante, *pode levar-nos à prisão*. Por vezes, os dissidentes passavam meses, ou mesmo *anos,* na prisão por crimes de pensamento totalmente não violentos.

A minha primeira deportação

Estava a fazer progressos ainda melhores nesta viagem do que na anterior. Tudo estava a correr bem. Viajei bastante por todo o país e fiz muitos contactos excelentes.

Depois de fazer um breve discurso, tive de voar para outra província muito distante. Não havia tempo suficiente para apanhar o comboio, porque estava previsto que eu fosse o orador principal no dia seguinte.

O meu amigo e eu reparámos ambos na mesma rapariga bonita. Ele sugeriu que eu avançasse. Eu lembrei-lhe que me ia embora no dia seguinte. Então ele devia fazê-lo. Muitos anos mais tarde, tivemos um encontro casual noutro país. Afinal,

ele tinha-se casado com ela! Que cão sortudo!

O organizador ficou tão satisfeito que me convidou para fazer o mesmo discurso noutra cidade, algumas semanas mais tarde. O público foi ainda mais recetivo. Depois de o encontro ter terminado oficialmente, Wolf-Dieter Eckart e os seus amigos insistiram em tirar uma fotografia comigo.

Deixei a província no mesmo dia.

No dia seguinte, estava a visitar um amigo noutra província. O telefone tocou. Depois de uma breve conversa, ele virou-se para mim e disse: *Era o meu filho. Há qualquer coisa no jornal sobre um americano que fez um discurso ontem em Hamburgo e foi deportado. Poderá isto ter alguma coisa a ver consigo?*

Estávamos ambos confusos. É óbvio que eu não tinha sido deportado. Eu estava ali sentado! Tudo aquilo parecia estranho.

Decidi apanhar o comboio de regresso a Hamburgo. Antes de embarcar no comboio, comprei o jornal local. Ao folheá-lo, encontrei um artigo com a minha fotografia. A legenda dizia: *Gerhard Lauck: Desaparecido sem deixar rasto.* O próprio artigo afirmava que eu tinha sido deportado.

De regresso à cidade em questão, perguntei a um amigo: *Saiu alguma coisa no jornal daqui?*

O Hans riu-se e disse: *Fizeste manchetes no HAMBURGER MORGENPOST!*

Ele mostrou-me o artigo. De facto, ali estava eu! Mas continuava confuso quanto ao facto de ter sido deportado. Encontrei-me com um advogado. (Em jovem, ele tinha sido advogado de defesa no chamado Tribunal de Nuremberga... Aliás, também tinha um parente que, sendo a ovelha negra da família, tinha fugido para a América).

Ele disse-me que "deportação" se referia a uma "ordem de deportação". Não a deportação física em si. Tive de pensar que havia um mandado de captura contra mim. Eu seria levado sob custódia e depois metido num avião para fora do país.

Evitar a detenção não teria sido muito difícil. Mas, de qualquer forma, estava na altura de regressar à América.

Decidi "sair com um estrondo".

A primeira coisa que fiz foi dar bom uso ao tempo que me restava. Organizei uma importação bem sucedida.

Depois disso, fui a uma reunião do NPD (*Nationaldemokratische Partei Deutschlands*) numa pequena cidade. Um desconhecido aproximou-se de mim e perguntou-me se eu era Gerhard Lauck. Respondi-lhe casualmente: *Ouvi dizer que ele já tinha sido deportado.* Um amigo que estava sentado à minha frente quase se riu. Depois saiu para fumar um cigarro. Enquanto ele estava à frente da porta a fumar, chegou outro amigo (que tinha dado o nome de Adolf ao filho).

A conversa foi assim:

A polícia passou por minha casa. Andavam à procura do Gerhard. Eu disse-lhes que não sabia onde ele estava. Por acaso sabes?

Sim, ele está lá dentro!

Ele pensou que era uma piada. Até que ele entrou e viu-me.

A segunda coisa que fiz foi declarar publicamente que iria fazer outro discurso intitulado: *Porque é que não reconheço a minha ordem de deportação!* Com hora e local completos. Depois fiz uma gravação do meu discurso e fiz o inesperado: *Apareci de facto para fazer o discurso!*

Ninguém esperava que eu fizesse isso. Nem mesmo a polícia. Eles só tinham dois homens lá. A minha comitiva era mais numerosa do que eles. Além disso, o meu "guarda-costas" mais pequeno era maior do que qualquer um deles. O meu maior guarda-costas era mais pequeno do que eles. Só o seu sorriso era suficiente para revelar o que ele estava a pensar: *Posso matá-los agora, chefe?*

Um polícia pediu-me, nervoso, que o acompanhasse à esquadra. Gentilmente, acedi.

À chegada, expliquei: *Já tenho um bilhete de avião. No entanto, verifiquei todas as ligações possíveis, tanto aéreas como terrestres. A ÚNICA forma de apanhar o meu voo é apanhar o comboio que parte desta cidade dentro de quarenta e cinco minutos.*

O voo partia de um aeroporto no Luxemburgo. De facto, tinha explorado todas as opções com um agente de viagens.

Foi perguntar ao seu superior. Cinco minutos depois, regressa. Um carro da polícia leva-me à estação de comboios. Embarquei no comboio. Um polícia entra comigo no comboio. Espero que ele me acompanhe até ao aeroporto. Mas ele sai do comboio na última paragem dentro dos limites da cidade. Estou sozinho e livre!

Pensei em ficar no país, mas decidi não o fazer.

Alguns meses mais tarde, de volta aos Estados Unidos, recebi um artigo de jornal divertido desse país. Um jornalista tinha descoberto que ninguém me tinha acompanhado até ao aeroporto. Nunca ninguém confirmou que eu tinha *efetivamente* deixado o país. Ele especulou que *eu talvez ainda lá estivesse a operar na clandestinidade!* Ri-me à gargalhada. Afinal de contas, ele *quase* tinha razão.

Esta publicação era o órgão da secção de Berlim Ocidental do Partido Comunista da Alemanha de Leste, o Partido da *Unidade Socialista.*

A minha vida na clandestinidade

Naturalmente, a grande maioria dos dissidentes vive e trabalha no seu próprio país. A sua vantagem é o facto de o conhecerem por dentro e por fora. A sua

desvantagem é que, muitas vezes, a polícia política sabe, ou pelo menos supõe, quem eles são.

Eu pertenço a uma categoria diferente, porque estou a viver no Ocidente. As minhas visitas são relativamente curtas: dias, semanas ou meses de cada vez. A menos que esteja preso, nesse caso, são anos.

Nos primeiros anos, o meu primeiro encontro com uma célula clandestina foi geralmente assim.

Batem à porta a altas horas da noite ou mesmo a meio da noite. Um homem com olhos de sono abre a porta para ver quem é. Eu estou ali. Um olhar de surpresa: *Não sabia que vinha! Entra! Entre!*

Tens fome? Vem até à cozinha. Vou arranjar-vos algo para comer.

Se houver tempo, passamos horas, ou mesmo a noite inteira, a conversar e a conhecermo-nos.

Temos de nos familiarizar uns com os outros. Isto inclui o conhecimento da situação doméstica, do emprego e da rotina diária habitual.

Temos de criar um laço pessoal para além do laço abstrato que já existe. Claro que isto torna mais pessoais as notícias posteriores sobre o seu destino. Trata-se de pessoas que conheço, não de estatísticas.

Nos primeiros tempos, isto envolvia frequentemente o álcool. Alguns dissidentes não confiariam em si se NÃO se embebedasse com eles e revelasse a sua "verdadeira natureza". Outros não confiavam em si se se embebedasse. Ou porque não conseguia aguentar a bebida ou porque era obviamente um bêbedo disciplinado! Vá-se lá saber porquê!

Temos de desenvolver o nosso próprio "sistema de comunicação". Estabelecer como e quando nos contactaremos no futuro, quando as escutas telefónicas e mesmo a vigilância direta tornarem as coisas complicadas.

As minhas piadas estúpidas foram muitas vezes úteis aqui.

Cada célula deve ter o seu próprio código simples para, pelo menos, alguns conceitos básicos. Cada código é *diferente*. E eu tenho de *memorizar cada um deles!* Para além de dezenas de nomes, moradas e números de telefone. Apesar da exaustão e do stress. Por vezes, passo dias sem dormir, sempre a mexer-me, sempre a tentar estar um passo à frente da polícia política.

Temos de determinar um curso de ação e o **próximo passo** para ambos.

Tenho de avaliar o novo colega de trabalho. As suas capacidades e limitações. Acima de tudo, os riscos de segurança. E tenho de tomar medidas de segurança adicionais prudentes, por vezes muito subtis.

Esta pode muito bem ser a nossa única oportunidade para este tipo de en-

contro!

O nosso próximo contacto pode ser indireto. Talvez uma mensagem breve e cuidadosamente formulada. Talvez semanas mais tarde. Tenho de estar confiante de que o destinatário compreenderá a mensagem e tomará as medidas adequadas. Mesmo que pareça trivial ou completamente disparatado... Sim, mesmo que isso signifique perder um jogo de bowling ou uma festa de aniversário.

Os membros da família estão frequentemente presentes no início do encontro. Não é raro que a mulher tenha um olhar de medo no rosto. Ela sabe as possíveis consequências que a atividade clandestina do marido pode ter para toda a família. Eu sou a encarnação desse medo. Não sou apenas o carteiro que entrega o aviso de recrutamento. Sou também o próprio comité de recrutamento.

Mais tarde, isto torna-se muito mais fácil. Primeiro, toda a gente conhece a minha reputação. Não tenho de lhes provar o meu valor. Em segundo lugar, estou normalmente a lidar com pessoas de primeira linha ou, pelo menos, com pessoas de segunda linha experientes e fiáveis. Muitos de nós conhecemo-nos. Já trabalhámos juntos no passado.

Naturalmente, esta concentração de vários activistas conhecidos atrai a atenção da polícia política. Se adivinharem que um "agente ocidental" se encontra na zona, a curiosidade transforma-se num frenesim.

De vez em quando, a minha chegada era vista como uma boa altura para dar uma festa! Era só o que me faltava. Ainda mais gente a saber da minha presença. E festejar e beber.

Naturalmente, eu pedia sempre aos condutores que respeitassem o limite de velocidade. Não queria que uma simples paragem de trânsito resultasse na minha identificação e detenção. Infelizmente, estas instruções nem sempre foram seguidas. Uma vez, quando nos mandaram parar, fiquei agradavelmente surpreendido por não ter sido preso no local. Mas tive de pensar que a minha presença na zona se tinha tornado conhecida.

Noutra ocasião, o meu motorista insistiu em mostrar-me alguns sítios interessantes. Sabendo que havia uma grande probabilidade de estarem a ser vigiados, recusei a oferta. Mas ele não aceitava um "não" como resposta. A certa altura, pensei em saltar do veículo em movimento. Mas isso, para além de perigoso, daria nas vistas. Felizmente, tudo acabou por correr bem.

Mais tarde, outro colega lamentou o facto: *Se a polícia soubesse que estava na zona, esse teria sido o PRIMEIRO LUGAR onde teriam procurado!*

Pelo lado positivo, elogiei o Wilfried-Arnulf pelos seus livros de arte. E os seus invulgares animais de estimação.

Uma vez o nosso guia estava a conduzir o veículo à nossa frente. Como não sabíamos o caminho, tivemos de o seguir. Claro que ele estava a exceder o limite

de velocidade. O meu motorista e eu ficámos ambos bastante descontentes com isso. Christian Worch comentou: *Às vezes penso que devia mandar fuzilar todos os nossos funcionários por incompetência. Depois, teria de me mandar fuzilar a mim próprio por ter fuzilado todos os nossos funcionários.*

Muitos destes activistas tinham experiência. No entanto, estavam habituados a uma menor intensidade de atividade policial. Aplicavam-se regras e procedimentos diferentes quando a polícia sabia que eu estava na zona. É como a diferença entre uma luta de almofadas e uma luta de facas.

Os meus aposentos variavam entre masmorras geladas e apartamentos acolhedores. Uma vez, desfrutei da companhia platónica de uma bela mulher. Estava ansioso por regressar na noite seguinte. Mas o chefe de segurança local insistiu para que eu não passasse duas noites no mesmo sítio. Ele tinha razão, claro. No entanto, esta foi uma das vezes em que desejei que a segurança tivesse sido mais branda! Passei a segunda noite num apartamento de água fria. Pelo menos, tinha uma casa de banho.

Se não conseguíssemos esconder as indicações, podíamos pelo menos ocultá-las com pistas falsas noutros locais. Isto foi feito com sistema e com sucesso. Se três campainhas de alarme tocavam numa zona, dez tocavam noutras. Com o passar do tempo, os perseguidores ficavam exaustos. A ação enérgica deteriorou-se e passou a ser apenas uma ação de movimento.

Por vezes, utilizava um disfarce. Podia ser tão simples como um chapéu. No entanto, usava sempre roupa com vários bolsos. Tinha de contar com a possibilidade muito real de ter de largar tudo e fugir. Precisava de ter documentos e dinheiro comigo.

Uma vez fui acordado a meio da noite. Ouvi gritarem "Polícia!" e baterem à porta. Felizmente, era o quarto ao lado do meu. Pensei que a polícia tinha simplesmente entrado no quarto errado por engano. Estariam à minha porta dentro de um minuto ou dois. Vesti uma roupa e calcei os sapatos antes de sair pela janela.

Mas eu tive sorte! Eles andavam mesmo atrás do tipo do quarto ao lado!

Noutra ocasião, ouvi alguém gritar o meu nome na estação de comboios de Frankfurt. Fingi que não tinha ouvido e continuei a caminhar em direção à saída. Mas o homem apanhou-me. Felizmente, era um simpatizante!

Tive barba durante vários meses. Geralmente, os machos eram enganados, mas as fêmeas continuavam a reconhecer-me. Talvez as mulheres sejam simplesmente mais atentas. Por outro lado, talvez fosse o meu inconfundível sex appeal.

De qualquer modo, a minha atividade clandestina tinha vantagens e desvantagens.

As vantagens incluíam viagens internacionais e a interação com pessoas interessantes. Por exemplo, conheci várias raparigas muito bonitas! De imediato, vêm-

me à cabeça três: a "Princesa Polaca", a "Baronesa do Báltico" e a "Princesa da Máfia".

As desvantagens incluíam as deportações. O meu recorde pessoal foi de *duas num mês* - por ordem direta do homólogo do chefe do Departamento do Interior dos EUA!

Uma das vantagens das minhas actividades extra-curriculares é que tenho um convite permanente para ficar GRATUITAMENTE em qualquer um dos alojamentos estatais.

Estes estabelecimentos de primeira qualidade e de construção sólida são tão populares que requerem muros altos, arame farpado e guardas armados para manter afastadas as massas que tentam entrar! Mesmo os quartos individuais, normalmente privados e com canalização, têm grades nas janelas para impedir a entrada da ralé.

O serviço de quartos entrega a comida preparada profissionalmente no seu quarto. Nem sequer espera uma gratificação! O ginásio, a barbearia, o posto médico, a lavandaria, a biblioteca e até a loja fazem com que não seja necessário sair do estabelecimento, mesmo durante uma visita prolongada.

Os outros convidados proporcionam uma variedade fascinante de parceiros de conversa diversificados. Histórias interessantes e informações úteis são abundantes aqui.

Estás com ciúmes? Não tenha! Você também pode qualificar-se para uma estadia GRATUITA. Basta pesquisar o slogan mais eficaz e gritá-lo em qualquer praça pública movimentada.

Há uma anedota popular. Numa emergência, não grites pela polícia. Grita antes uma palavra de resistência. A polícia virá muito mais depressa!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas

Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas

Mais de 100 sites em dezenas de idiomas